

ENTRE O OUVIR, O LER E O ESCREVER: experiências na Escola Estadual de
Cegos Cyro Accioly

Carlos Eduardo Vieira Buíque¹
Dayane Rose Lima de Carvalho¹
Dayanne Teixeira Lima¹
Estevão Belarmino Ribeiro dos Anjos¹
João Victor de Oliveira Araújo¹
Karlos Eduardo Alves de Carvalho¹
Marília Dantas Tenório Leite¹
Natália Momberg Cabral¹
Pedro Moura Araújo¹
Rafael Albuquerque Muniz Falcão¹
Victor Mata Verçosa¹
Wilma de Araújo Nascimento¹
Eliana Kefalás Oliveira²
Núbia Rabelo Bakker Faria³

¹ Alunos bolsistas do PET Letras da Universidade Federal de Alagoas. E-mail: petletrasufal@gmail.com

² Professora Dra. da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas e colaboradora do projeto de extensão. E-mail: llycaoliveira@yahoo.com.br

³ Professora Dra. da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas e tutora do PET Letras. E-mail: nrbfaria@uol.com.br

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo trabalhar outras formas de letramento lingüístico e literário com os alunos da Escola Cyro Accioly e estimular a utilização de áudio-livros e de leitura em voz alta como recursos didáticos importantes no letramento do cego e do portador de visão subnormal. Na formação do grupo envolvido no projeto, foram realizadas reuniões de aprofundamento teórico, oficinas de preparação para a atividade, assim como a aproximação com as demandas do deficiente visual no que diz respeito à linguagem e às possibilidades de atuação do curso de Letras para atender a essa demanda. Na escola, foram desenvolvidas oficinas quinzenais em que pudemos trabalhar diversos aspectos relacionados à audição/leitura de áudio-textos, tal como a produção textual. Observamos que os alunos se mostraram entusiasmados e envolvidos no trabalho e manifestaram o interesse em continuar com as atividades promovidas pelo grupo. Portanto, tendo em vista à pertinência do projeto, entendemos que a aproximação entre futuros licenciados em Letras e a escola Cyro Accioly, responsável pela alfabetização dos portadores de deficiência visual e baixa visão em Alagoas, é essencial para o conhecimento das demandas dessa população. Além disso, o projeto contribui para a sensibilização dos futuros professores no que diz respeito à Educação Especial, às adaptações pedagógicas necessárias nessa modalidade de ensino, às dificuldades mais recorrentes e às percepções e saberes sobre a linguagem.

Palavras-chave: cegueira, audição, leitura, produção de texto

1. INTRODUÇÃO

Segundo dados divulgados pelo site do Instituto Benjamin Constant (www.ibc.gov.br), 10% da população mundial é constituída por pessoas com algum tipo de deficiência; o Censo do IBGE, realizado em 2000, apontou 24,6 milhões de brasileiros com necessidades especiais, sendo que, no que tange a deficiência visual, estima-se que, nos países em desenvolvimento, entre 1 a 1,5% da população apresenta esta necessidade. No Brasil, cerca de 1,6 milhão de pessoas apresentam algum tipo de deficiência visual, entre estas a principal seria a baixa visão (Organização Mundial de Saúde, 2000). Segundo o MEC, registra-se um aumento de 252.023 novas matrículas de alunos com necessidades educacionais especiais no sistema de ensino, nos últimos quatro anos, evidenciando um crescimento de 56%, alcançando em 2006, 700.624 alunos matriculados na educação básica. A evolução das matrículas de alunos com necessidades educacionais especiais registra 46,4% de inclusão nas classes comuns do ensino regular; caracterizando o crescimento da participação da esfera pública na oferta de vagas para alunos com necessidades educacionais especiais, os dados indicam que 63% dos alunos estão na esfera pública. Observa-se um significativo avanço no que se refere à expansão do número de escolas com matrículas de alunos com necessidades educacionais especiais nos últimos anos, chegando a 54.412 escolas.

Tendo em vista esses dados e o fato de a inclusão da educação especial no sistema regular de ensino ser a diretriz principal das políticas públicas educacionais (cf. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, em vigor desde 2008), entendemos que a aproximação entre futuros licenciados em Letras e a escola Cyro Accioly, responsável pela alfabetização dos portadores de deficiência visual e baixa visão em Alagoas, é essencial para o conhecimento das demandas dessa população, assim como para a sensibilização dos futuros professores com relação aos recursos disponíveis, às adaptações pedagógicas necessárias, às dificuldades mais recorrentes, para a troca de impressões, percepções e saberes sobre a linguagem.

Além disso, essa aproximação abre também um canal importante para que a universidade se comprometa mais intensamente na promoção da acessibilidade e na utilização de recursos pedagógicos adaptados às necessidades desses alunos, além da eliminação de barreiras atitudinais e de comunicação, assegurando o acesso, a

permanência e a aprendizagem de cegos e portadores de visão subnormal na Universidade Federal de Alagoas.

Nos últimos anos, o curso de Letras teve no seu quadro pelo menos três alunos cegos. Destes, dois abandonaram a universidade e apenas um conseguiu concluir seu curso. Trata-se do atual diretor da Escola Cyro Accioly, que tem dado total o apoio a esta iniciativa, além de participar ativamente no levantamento das necessidades e na sugestão de possibilidades de atuação deste projeto. Foi em estreita cooperação com o diretor que a iniciativa de desenvolver com os alunos da Escola Cyro Accioly oficinas de leitura e produção de textos tomou forma. A instituição, dentre outros objetivos, é responsável pelo processo de alfabetização em braille e em letras ampliadas e pelo trabalho com a leitura e a escrita para jovens e adultos cegos, necessitando de um trabalho voltado para o estímulo à utilização de áudio-livros e à leitura e produção de textos, como recursos didáticos importantes no letramento do cego e do portador de visão subnormal.

Como estabelece o Projeto Político-Pedagógico do Curso de Letras, em conformidade com as contingências sociais e acadêmico-científicas da área e com as Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Letras, a formação do professor de Língua e suas literaturas prevê, dentre outras habilidades e competências, formação humanística, teórica e prática; capacidade de operar, sem preconceitos, com a pluralidade de expressão lingüística, literária e cultural; conhecimento dos diferentes usos da língua e suas gramáticas; conhecimento ativo e crítico de um repertório representativo de literatura, da língua em estudo; conhecimento dos métodos e técnicas pedagógicas que possibilitem a adequação dos conteúdos para os diferentes níveis de ensino (transposição didática).

O desenvolvimento das oficinas de audição, leitura e produção de texto, sob a supervisão de professores do curso, visa o exercício dessas habilidades e competências de maneira ativa e comprometida. Os alunos têm a oportunidade de vivenciar a articulação entre pesquisa, ensino e extensão, através de: a) visitas de diagnóstico à escola; b) momentos de formação através do levantamento de bibliografia, leituras voltadas para as necessidades dos cegos e portadores de baixa visão e sua inclusão na sociedade e na escola; c) preparação e execução das oficinas; d) discussões para solução de problemas e para avaliação e tomada de decisões nos planos teórico e prático; e) exploração e registro das produções literárias dos alunos participantes das oficinas.

2. METODOLOGIA

O desenvolvimento do projeto previu a discussão geral sobre a educação inclusiva e as demandas sociais dessa modalidade de ensino no Estado de Alagoas. Foram feitas visitas a sites especializados no campo: Instituto Benjamim Constant, Instituto Dorina Nowill, dentre outros, onde a atenção se voltou para textos relacionados à educação do cego e do portador de baixa-visão e formas de leitura e discussão de textos relacionados à leitura em voz alta. Além disso, houve visitas à Escola Cyro Accioly para que o grupo pudesse investigar métodos e técnicas pedagógicas que possibilitassem a adequação do trabalho com audição, leitura e produção de texto para alunos cegos e de baixa visão. Após essa etapa, alunos e professores envolvidos no projeto construíram o planejamento de cinco oficinas de leitura e produção textual com os estudantes cegos da escola, bem como a seleção do material que seria utilizado nos encontros quinzenais com os alunos, áudio-textos e poemas haikai⁴. A partir da recepção do texto em cada encontro, o grupo PET avaliou a necessidade da inclusão de outros tipos de textos, fazendo um balanço dos resultados positivos e negativos da experiência.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

De um modo geral, as cinco oficinas realizadas pelo Pet/Letras na Escola de Cegos Cyro Accioly foram de fundamental importância para um projeto que está em andamento a menos de um ano. Tendo em vista um dos objetivos da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008), a saber, a “(...) formação de professores para o atendimento educacional especializado e demais profissionais da educação para a inclusão (...)”, assim como as demandas da escola em questão, as atividades realizadas nas oficinas possibilitaram uma discussão sobre a educação inclusiva e suas demandas, especialmente no estado de Alagoas, além da exploração de novos procedimentos pedagógicos na adequação do trabalho com audição, leitura e produção de texto para alunos cegos e de baixa visão.

⁴ Haikai é uma forma poética de origem japonesa, que valoriza a concisão e a objetividade. Os poemas possuem três linhas, contendo na primeira e na última cinco sílabas, e na segunda linha sete sílabas, totalizando dezessete sílabas poéticas.

A primeira oficina promovida pelo grupo caracterizou-se como uma primeira sondagem das informações pessoais, características e dificuldades dos alunos, assim como do espaço, estrutura, e materiais existentes para a escrita e leitura e do comportamento dos alunos e funcionários, a fim de melhor entender o funcionamento da escola. Através de conversas informais guiadas por um roteiro flexível de perguntas, conhecemos o cotidiano dos alunos da escola, suas relações com o uso do sistema braille e suas dificuldades de aprendizagem.

Para uma identificação e elaboração de um plano de ações que visando a plena participação dos alunos, tendo em vista suas características e necessidades específicas (Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, 2008), esse primeiro momento foi crucial. O apoio dos profissionais da escola foi fundamental desde o primeiro momento, quer seja pela total disposição em conhecer o projeto, quer seja pela contribuição no que diz respeito ao conhecimento das dificuldades e demandas dos alunos, como, por exemplo, atividades envolvendo leitura e produção de textos em braille e o estímulo à procura, por parte dos alunos, ao acervo de áudio-livros da escola.

Segundo a diretriz das políticas educacionais supracitada, “o conceito de necessidades educacionais especiais (...) ressalta a interação das características individuais dos alunos com o ambiente educacional e social, chamando a atenção do ensino regular para o desafio de atender as diferenças”. Assim, nessa primeira oficina, os proponentes deste projeto tiveram, dentre outras contribuições, a oportunidade de refletir sobre como se dá a relação do cego com a voz, com a escrita/leitura em braille e com outras atividades que exigem esforços muito diferentes daqueles dos que os videntes realizam para as mesmas atividades de leitura e produção.

Na segunda oficina realizada na escola, em razão de um dos objetivos do projeto e das demandas da escola, trabalhamos com o áudio-texto da crônica intitulada “O Pingo”, de Marcos Rey. Algumas das dificuldades encontradas pelo grupo na realização da atividade de escuta do áudio-texto foram a entrada tardia de alguns alunos na sala, ruídos vindos das ruas, e, fora da sala, o barulho do carro que transporta os alunos para suas residências. Com isso, pudemos perceber as interferências do espaço na concentração dos alunos cegos durante a atividade.

A escolha do áudio-texto e a participação dos alunos presentes foram positivas no sentido em que, além de compreendermos, mais uma vez, quais as impressões e as dificuldades que os alunos têm acerca do sistema braille, foi possível, também, através da temática da crônica, compreender que os alunos conseguiram adequar a narração de

fatos ocorridos em suas vidas ao que fora sugerido posteriormente como atividade: a produção de uma crônica oral ou escrita narrando estes fatos.

Com isso, pudemos direcionar algumas ações para a terceira oficina e, refletindo sobre as dificuldades de escuta apresentadas pelos alunos, nesse segundo momento, em razão do barulho, o grupo se mobilizou em propor novos métodos e técnicas pedagógicas para as próximas oficinas, com o objetivo de melhorar o trabalho com audição, leitura e produção de texto.

Para a terceira oficina, o grupo escolheu o áudio-texto “Figurinhas Carimbadas”, de Marcos Rey. Desta vez algumas estratégias foram utilizadas para melhorar as atividades. Nas oficinas anteriores, percebeu-se certo desconforto quanto à escuta dos áudio-textos. O que é uma contravenção ao senso comum, que diz que os cegos têm, por natureza ou adaptação, a audição mais apurada do que os videntes. Viu-se que as aptidões auditivas precisam ser melhor direcionadas, a fim de que ruídos outros não interfiram em atividades de concentração. Neste dia, excepcionalmente, a atividade começou com atraso, pois os alunos só vêm para a sala onde a oficina é realizada após o lanche fornecido pela escola. Como primeira estratégia, antes de apresentar o áudio-texto pela primeira vez, foi feito um momento de relaxamento e concentração para preparar a escuta do áudio. Os resultados foram positivos quanto à melhor compreensão da segunda crônica pelos alunos.

Para a quarta oficina, selecionamos trechos específicos do mesmo áudio-texto da oficina anterior para serem trabalhados. Após a escuta, não nos demoramos em comentários sobre o texto e passamos logo para a primeira escuta do trecho selecionado para a atividade, levantando antes questões relativas à temática da crônica e alguns dos fatos narrados.

Continuando a atividade e feitas as considerações dos alunos sobre o trecho escutado, passamos para a segunda escuta do trecho. Como previsto no roteiro, essa segunda escuta só serviu para que os alunos confirmassem o que haviam discutido anteriormente sobre o primeiro trecho. Depois, um dos alunos levantou uma possibilidade sobre quem seria o narrador do texto, ouvimos a sua tese, mas logo voltamos ao foco. Um dos desafios é manter o foco da atividade sempre em vista, pois, muitas vezes, os comentários dos alunos fogem totalmente da atividade proposta.

Depois das escutas e das discussões, seguimos o roteiro preparado para a atividade e fizemos a leitura de um haicai. Escolhemos esse gênero pela grande expressividade que possui e por seu tamanho reduzido: apenas três versos poéticos. A

fim de propor uma experiência de escrita, escolhemos esse gênero por considerá-lo o mais adequado, tanto pelo próprio tipo de texto, que é um recorte de uma experiência de vida, uma memória, e pela sua extensão. Após duas leituras, iniciamos a discussão sobre a relação que este poema estabelecia com o trecho da crônica de antes. Depois, expusemos o nosso objetivo para atividade da oficina. Em poucas palavras, finalizamos a parte da relação entre os textos. Logo após, convidamos os alunos a fazerem suas produções textuais, em formato de haicai, sobre suas experiências na cidade de Maceió ou em seus locais de origem. Dividimo-nos em duplas/trios de bolsistas para cada aluno que estava presente e demos instruções para a realização da atividade.

Apesar de não termos exigido que os textos cumprissem fielmente a métrica do poema haicai e de alguns textos produzidos não guardarem uma relação explícita com a cidade de Maceió, as produções dos alunos mostraram-se significativas. A última oficina realizada teve um atraso não previsto e, por isso, a atividade foi reduzida. Os poemas haicai produzidos na última oficina foram lidos e, a partir daí, foram feitos comentários e análises acerca das produções tanto pelos autores quanto pelo grupo de bolsistas e da tutora do PET letras. Depois de uma pequena confraternização com os alunos da escola, reunimo-nos para avaliar o projeto executado nesse ano de 2011 e um breve planejamento para o ano seguinte, tendo a certeza de uma motivação e linhas de ação mais firmes para a continuação das oficinas e do projeto no ano de 2012.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante, e principalmente após as primeiras atividades de observação e oficinas realizadas na Escola Estadual de Cegos Cyro Accioly, o grupo PET-Letras acumula uma quantidade relevante de reflexões sobre vários aspectos das práticas de leitura, audição e escrita de textos por estudantes com deficiência visual. Dando continuidade ao projeto coletivo no ano de 2012, nossas atividades serão orientadas segundo os resultados provisórios das experiências iniciais.

As condições acústicas do ambiente exercem influência direta em quaisquer atividades de leitura de textos em tinta ou braile. Leituras realizadas em ambientes ruidosos tendem a ser qualitativamente prejudicadas, principalmente as dos textos de maior extensão. A escuta de textos em ambientes não preparados para esta atividade, como é o caso da sala de Orientação e Mobilidade da escola de cegos, cedida para nossas atividades, mostrou-se um dos principais entraves à realização satisfatória de

nossas oficinas com áudio-textos. A interferência sonora provoca uma escuta intermitente, exigindo um esforço de *captura* da informação relevante em meio ao ruído disperso pelo canal, que resulta em uma reconstrução mental de baixa qualidade do texto. No momento, as relações entre leitura e espaço no contexto de alunos com cegueira e baixa visão são um dos centros de nossa reflexão e planejamento de atividades.

Trabalhando a princípio com textos literários de menor extensão - crônicas e *haicais* – obtivemos boa resposta dos alunos em geral e, sobretudo daqueles com nível mais avançado de leitura em braille, que alegam que a escrita desses textos requer mais tempo e materiais do que a dos textos em tinta. De modo que pretendemos promover um maior estímulo à produção de textos originais em braille em nossas futuras intervenções, a escolha criteriosa dos gêneros textuais a serem trabalhados, levando em consideração as peculiaridades da escrita em código braille, permite uma ação orientada pelas necessidades e aptidões do grupo de estudantes voluntários, incentivando-os à curiosidade e prática de leitura e escrita de diversos gêneros textuais, abrindo novas perspectivas quanto à educação especial aos pesquisadores e uma inserção no ambiente e no modo de vida das pessoas cegas e com visão subnormal.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial**. Brasília: MEC/SEESP, 2007.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: adaptações curriculares / Secretaria de Educação Fundamental**. Secretaria de Educação Especial – Brasília: MEC / SEF / SEESP. 1998.

BRUNO, Marilda Moraes Garcia. **Educação infantil: saberes e práticas da inclusão: dificuldades de comunicação sinalização: deficiência visual**. [4. ed.] / elaboração prof^a Marilda Moraes Garcia Bruno – consultora autônoma. – Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006.

D'ÁVILA, Lana de Lima Teixeira. **A inclusão do aluno com cegueira na EJA. Metodologias adequadas ao aprendizado da leitura e escrita**. 2007. Trabalho de conclusão de curso. Curso de especialização em educação profissional técnica de nível médio na modalidade de educação de jovens e adultos. UFC.

Instituto Benjamin Constant. Disponível em: <http://www.abc.gov.br/>. Acesso em: 10 de janeiro de 2012.

NASCIMENTO, Fátima Ali Abdalah Abdel Cader. **Educação infantil; saberes e práticas da inclusão: dificuldades de comunicação e sinalização: surdocegueira/múltipla deficiência sensorial.** [4. ed.] / elaboração prof^a ms. Fátima Ali Abdalah Abdel Cader Nascimento - Universidade Federal de São Carlos – UFSC/SP, Prof.^a Shirley Rodrigues Maia – Associação Educacional para a Múltipla Deficiência - AHIMSA. – Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006.

OLIVEIRA, Fátima Inês Wolf de; BIZ, Vanessa Aparecida; FREIRE, Maisa. **Processo de inclusão de alunos deficientes visuais na rede regular de ensino: confecção e utilização de recursos didáticos adaptados.** 2002. Departamento de Educação Especial da Faculdade de Filosofia e Ciências. UNESP.

SÁ, Elizabet Dias de; CAMPOS, Izilda Maria de; SILVA, Myriam Beatriz Campolina. **Atendimento educacional especializado: deficiência visual.** Formação continuada a distância de professores para o atendimento educacional especializado. SEESP / SEED / MEC. Brasília/DF. 2007.